

1000 ANOS  
DE ALEGRIAS  
E TRISTEZAS

AI WEIWEI

1000 ANOS  
DE ALEGRIAS  
E TRISTEZAS

MEMÓRIAS

Tradução de  
ISABEL VERÍSSIMO



Y A R K H O T O

*É quase como se uma caravana estivesse  
a atravessar a cidade*

*Um clamor de vozes misturando-se com o tinido  
de badalos de camelos*

*Os mercados movimentados como antes  
Uma circulação incessante de carroças e cavalos*

*Mas não — o esplêndido palácio  
Está em ruínas,*

*De mil anos de alegrias e tristezas  
Não resta um único vestígio*

*Aos que estão vivos, vivam a melhor vida possível  
Não esperem que a terra preserve a memória*

AI QING, 1980

*Este livro é dedicado  
aos meus pais e ao meu filho.*

## CAPÍTULO 1

---

# Noite cristalina

*Ruidosas gargalhadas ouvem-se no caminho  
Um bando de ébrios afasta-se a cambalear da aldeia adormecida  
Dirigindo-se com clamor para os campos adormecidos  
Nesta noite, nesta noite cristalina*

VERSOS DE «NOITE CRISTALINA»,  
UM POEMA ESCRITO PELO MEU PAI  
NUMA PRISÃO DE XANGAI EM 1932

**N**ASCI EM 1957, OITO ANOS APÓS A FUNDAÇÃO DA «NOVA China». O meu pai tinha quarenta e sete anos. Durante a minha infância e adolescência, ele raramente falava sobre o passado porque tudo estava amortalhado no denso nevoeiro da narrativa política dominante e qualquer investigação de factos corria o risco de provocar repercussões demasiado horríveis para imaginar. Para satisfazer as exigências da nova ordem, o povo chinês sofreu um definhamento da vida espiritual e perdeu a capacidade de narrar os acontecimentos tal como eles tinham ocorrido na realidade.

Só comecei a reflectir sobre isto meio século mais tarde. No dia 3 de Abril de 2011, quando me preparava para apanhar um avião no aeroporto de Pequim, um bando de polícias à paisana aproximou-se de mim e, nos oitenta e um dias seguintes, desapareci num buraco negro. Durante este confinamento, comecei a pensar no passado: pensei, sobretudo, no meu pai e tentei imaginar como teria sido a sua vida atrás das grades de uma

prisão nacionalista oitenta anos antes. Percebi que sabia muito pouco acerca da sua provação e que as suas experiências nunca me tinham interessado verdadeiramente. Cresci numa era em que a doutrinação ideológica nos expunha a uma luz intensa e invasiva que fazia as nossas memórias desvanecerem-se como sombras. As memórias constituíam um fardo e era preferível esquecer-las; passado pouco tempo, as pessoas perderam não apenas a vontade, mas, também, a capacidade de recordar. Quando o ontem, o hoje e o amanhã se fundem numa mancha indistinguível, a memória — além de ser potencialmente perigosa — tem muito pouco significado.

Muitas das minhas primeiras memórias são fracturadas. Durante a infância, o mundo era como um ecrã dividido ao meio. De um lado, os imperialistas dos Estados Unidos pavoneavam-se de *smoking* e cartola, de bengala na mão, seguidos pelos seus lacaios: os Britânicos, os Franceses, os Alemães, os Italianos e os Japoneses, sem esquecer os reaccionários do Kuomintang que se tinham entrincheirado em Taiwan. Do outro lado estava Mao Tsé-Tung e os girassóis que o flanqueavam — ou seja: os povos da Ásia, de África e da América Latina, que procuravam independência e libertação do colonialismo e do imperialismo; éramos nós que representávamos a luz e o futuro. Em cartazes de propaganda, o líder vietnamita, o «Avô» Ho Chi Minh, estava acompanhado por jovens vietnamitas com chapéus de bambu e armas apontadas aos aviões de combate que sobrevoavam o céu por cima deles. Todos os dias ouvíamos heróicas histórias das suas vitórias sobre os bandidos ianques. Havia um fosso intransponível entre os dois lados.

Naquela era sem informações, a escolha pessoal era como lentilhas-d'água flutuantes, sem raízes e insubstanciais. Ao ser-lhe negado o alimento dos interesses e das ligações individuais, a memória, sem estímulo, interrompia-se e desintegrava-se: «O proletariado tem de libertar toda a humanidade antes de poder libertar-se», dizia o ditado. Após todas as convulsões que

a China vivera, as emoções genuínas e a memória pessoal foram reduzidas a minúsculos fragmentos e facilmente substituídas pelo discurso de luta e de revolução contínuas.

O lado bom é que o meu pai era escritor. Em poesia, registou sentimentos que se tinham enraizado profundamente no seu coração, ainda que aqueles pequenos caudais de honestidade e candura não tivessem um escape natural nas muitas ocasiões em que os dilúvios políticos levavam tudo à sua frente. Hoje, a única coisa que posso fazer é reunir os fragmentos dispersos deixados após a tempestade e tentar reconstituir uma imagem, por muito incompleta que possa ser.

No ano em que nasci, Mao Tsé-Tung desencadeou uma tempestade política — a Campanha Antidireitista, destinada a expurgar os intelectuais «direitistas» que tinham criticado o governo. O turbilhão que engoliu o meu pai também virou a minha vida do avesso, deixando em mim uma marca que carrego até hoje. Como era o «direitista» mais notável entre os escritores chineses, ele foi exilado e obrigado a passar por uma «reforma através do trabalho» que trouxe um fim abrupto à vida relativamente confortável que vivera depois da implementação do novo regime em 1949. Expulsos num primeiro momento para a imensidão gelada no extremo nordeste, seríamos mais tarde transferidos para a cidade de Shihezi, no sopé da cordilheira de montanhas Tian Shan, em Xinjiang. Como um pequeno barco que encontra refúgio num tufão, abrigámo-nos ali até os ventos políticos mudarem novamente de direcção.

Depois, em 1967, a «Revolução Cultural» de Mao entrou numa nova fase e o meu pai, agora considerado um fornecedor de literatura e arte burguesa, foi colocado uma vez mais na lista negra de alvos ideológicos, juntamente com outros trotskistas, apóstatas e elementos da oposição ao partido. Eu estava prestes a fazer dez anos e nunca esqueci os acontecimentos que se seguiram.

EM MAIO DESSE ANO, um dos principais radicais revolucionários de Shihezi fez uma visita à nossa casa e declarou que o meu pai tinha vivido uma vida demasiado fácil e ia ser mandado para uma remota unidade paramilitar de produção para «remodelação».

O meu pai não respondeu.

«Estás à espera de que o partido te ofereça uma festa de despedida?», perguntou-lhe o homem num tom de escárnio.

Pouco tempo depois desta conversa, um camião da «Liber-tação» parou diante da porta principal da nossa casa. Carregámo-lo com algumas peças simples de mobiliário e com uma pilha de carvão, e colocámos os nossos rolos de dormir em cima — não tínhamos muito mais coisas para levar. No momento em que o meu pai se sentou na cabina frontal, começou a choviscar; o meu meio-irmão, Gao Jian, e eu trepámos para a caixa do camião e sentámo-nos por baixo da lona. O nosso destino ficava na orla do deserto Gurbantüggüt e era localmente conhecido como «Pequena Sibéria».

Em vez de nos acompanhar, a minha mãe decidiu levar o meu irmão mais novo, Ai Dan, para Pequim. Após dez anos no exílio, já não era jovem e não suportou a perspectiva de viver em condições ainda mais primitivas. Não estava disposta a ir mais longe que Shihezi e foi impossível manter a família junta. Eu não lhe implorei que nos acompanhasse nem lhe supliquei que deixasse ficar o meu irmão mais novo. Calei-me e não me despedi dela nem lhe perguntei se voltaria. Não me recorde de quanto tempo eles demoraram a desaparecer da nossa vista quando nos afastámos no camião. Para mim, ficar não era diferente de partir: acontecesse o que acontecesse, a decisão não era nossa.

O camião abanou violentamente enquanto avançava aos solavancos por uma estrada de terra que parecia não ter fim, repleta de buracos e ravinas, e tive de me segurar bem à estrutura para evitar ser atirado ao ar. Ao nosso lado, uma esteira foi



levantada por uma rajada de vento e voou para longe em segundos, desaparecendo na nuvem de pó que se erguia atrás de nós.

Após várias horas de terrível desconforto, o camião parou por fim na orla do deserto. Tínhamos chegado ao nosso destino: o Corpo Militar Distrital de Produção e Construção, Divisão Agrícola Oito, Regimento Vinte e Três, Subdivisão Três, Companhia Dois de Xinjiang. Era uma das muitas unidades dessa natureza criadas nas regiões fronteiriças da China na década de 1950, com dois objectivos em mente. Em tempos de paz, os trabalhadores do Corpo de Produção e Construção preparavam a terra para ser cultivada e dedicavam-se à produção agrícola, fortalecendo a economia da nação. Se começasse uma guerra com um dos vizinhos da China, ou se houvesse inquietação entre a população de minorias étnicas, os trabalhadores assumiriam o seu papel militar e dariam apoio aos esforços de defesa nacional. Como aprenderíamos por experiência própria, por vezes essas unidades tinham uma função adicional — acolhiam criminosos expulsos das terras onde tinham nascido, noutras regiões da China.



Estava a anoitecer e ouvia-se o som de uma flauta vindo de uma fila de casinhas baixas; diversos trabalhadores jovens estavam parados no exterior, a observar-nos com curiosidade. Foi-nos atribuída uma divisão que continha uma cama de casal, mas nada mais. O meu pai e eu levámos para dentro a mesinha e os quatro

bancos que tínhamos trazido de Shihezi. O chão era de terra e as paredes eram de tijolos de lama com palha saliente. Enchi de querosene um frasco de remédio vazio, fiz um buraco na tampa e enfiei um pedaço de atacador através dele para fazer um simples candeeiro a petróleo.

O MEU PAI PRECISAVA DE POUCO na vida para além de tempo para ler e escrever. E tinha poucas responsabilidades. A minha mãe encarregava-se sempre das tarefas da casa e nunca esperava que a ajudássemos. Mas agora éramos apenas o meu pai, Gao Jian e eu, e a nossa estrutura familiar suscitou a curiosidade dos outros trabalhadores, rudes «guerreiros de uma quinta militar» que eram muito directos nas suas perguntas. «É o teu avô?», perguntavam-me, ou «Sentes saudades da tua mãe?». Com o tempo, aprendi a fazer as coisas sem precisar de ajuda.

Tentei construir um fogão para termos aquecimento e para podermos ferver água, mas saía fumo por todo o lado, menos pela chaminé, e eu ficava com os olhos a arder e engasgado sempre que o usava, até que percebi que o ar tinha de entrar sem obstáculos na câmara. Também havia as outras tarefas diárias, como ir buscar água ao poço, trazer as refeições do refeitório, alimentar o lume com lenha e retirar as cinzas com uma pá. Alguém tinha de se encarregar destas tarefas, e esse alguém era quase sempre eu.

O passado era uma coisa que tinha sido arrancada da nossa nova existência — para além do nascer e do pôr do Sol, os dois nada tinham em comum. Agora, a nossa vida parecia um interminável curso de treino de sobrevivência no deserto, se tivéssemos a sorte de escapar com vida. A sede do corpo de produção estava voltada para norte, para um deserto do tamanho da Suíça. A primeira vez que o vi, fiquei tão entusiasmado que corri pela árida areia até ficar sem fôlego. Depois, deitei-me de costas no chão e contemplei o interminável céu azul. No entanto,

o entusiasmo depressa se desvaneceu. Sob o brilho intenso do sol, não havia sombras no solo do deserto, uma planície salgada tão branca que era como se estivesse coberta por um espesso manto de neve. Sempre que soprava um forte vento quente, pedaços de espinheiro reboavam de um lado para o outro e grãos de areia picavam-me o rosto, espetando-se na minha pele como agulhas.

Os trabalhadores eram oriundos de meios sociais muito diversos, com passados misteriosos e incomunicáveis que esta região fronteiriça ajudara a deixar para trás. Esquecidos pelas comunidades de que em tempos tinham feito parte, viviam apenas no presente. Muitos eram membros das estigmatizadas «Cinco Categorias Negras» — proprietários de terras, camponeses ricos, contra-revolucionários, maus elementos e direitistas. Ou eram, como eu, filhos de membros da Categoria Negra. Alguns eram ex-soldados e outros eram jovens indesejados nas localidades onde tinham nascido ou refugiados de regiões empobrecidas do interior da China. Aqui, pelo menos, evitavam morrer de fome se cultivassem terrenos baldios e colhessem produtos suficientes para se alimentarem.

O meu pai começou por ser colocado na equipa de gestão florestal. Para o isolarem e limitarem a sua influência corruptora, mandaram-no podar árvores sozinho e entregaram-lhe uma tesoura de poda e uma pequena serra. Os olmos e as oliveiras-do-paraíso da quinta nunca tinham sido podados desde que tinham sido plantados, por isso cresciam tão desordenados que mais pareciam arbustos do que árvores. Os seus troncos tinham sido mordidos e beliscados por ovelhas e despontavam ramos por toda a parte. Porém, o meu pai depressa se dedicou a este novo trabalho porque gostava de árvores e não se importava de estar longe dos outros.

Entretanto, de manhã eu ia para as aulas que eram leccionadas pela única professora da escola na sua única sala de aulas, com mais seis ou sete crianças do segundo e do terceiro ano.

A unidade de produção não oferecia escolaridade para crianças mais velhas, por isso o meu irmão Gao Jian, que era cinco anos mais velho do que eu, frequentava o ensino secundário noutra unidade do corpo de produção, onde era aluno interno.

Depois das aulas, eu pegava numa garrafa-termo e percorria uma distância muito, muito grande para ir ter com o meu pai. Ao longe, observava-o a contornar uma árvore, aparar um ou outro ramo e recuar alguns passos para verificar se os dois lados estavam equilibrados. Quando, por fim, se apercebia da minha presença, ele demorava alguns segundos a descontrair. Numa ocasião, recordo-me de o ver limpar a testa enquanto emborcava a água que eu tinha trazido e depois estender-me um ramo de olmo que tinha serrado. Teve o cuidado de raspar os nós e as imperfeições, e estava tão liso e brilhante como um ceptro antigo.



No centro da sede da unidade de produção havia um auditório com uma estrela de cinco pontas a enfeitar a fachada, cujo intenso vermelho desbotara para uma pálida cor de ferrugem. No corpo de produção, o auditório tinha o mesmo estatuto de um ancestral santuário nos velhos tempos. Actualmente, é possível encontrar este tipo de grandes edifícios públicos em toda a China, em fábricas e comunas, organizações governamentais, escolas e unidades do exército. Na parede atrás do palco havia um retrato de Mao, com Marx e Engels à sua esquerda e Lenine e Estaline à sua direita, todos voltados para o centro da sala, com o olhar fixado num ponto distante.

Por muito esgotante que fosse o dia de trabalho, a unidade de produção realizava uma assembleia todas as noites a seguir ao jantar. Sob a forte luz de uma lâmpada fluorescente, duzentos

e quarenta trabalhadores e respectivas famílias espalhavam as ferramentas no chão e escutavam o relato ideológico do instrutor de política, que analisava os desenvolvimentos políticos a nível nacional. Nesta época em que a «política» invadiu todos os aspectos da vida, ao amanhecer de cada dia tínhamos de pedir instruções ao presidente Mao antes de começarmos a trabalhar ou a estudar, e no fim do dia era realizado um ritual semelhante em que lhe comunicávamos o progresso do trabalho ou do estudo naquele dia. O instrutor político orientava-nos para seguirmos a linha do partido na implementação de políticas partidárias e na execução das decisões e directivas das mais altas autoridades, bem como no estudo do marxismo-leninismo e do Pensamento de Mao Tsé-Tung. Depois disso, o comandante avaliava o dia de trabalho e organizava as tarefas do dia seguinte.

Tipicamente, aqueles que pertenciam às Cinco Categorias Negras eram chamados ao palco, onde tinham de curvar a cabeça numa posição de penitência para a audiência que se encontrava num plano mais baixo. Mesmo que o meu pai estivesse à vista de todos, o funcionário que presidia à sessão gritava: «O grande direitoista Ai Qing está presente?» Acrescentar «grande» antes de «direitista» era prática comum quando se referiam ao meu pai, dada a sua reputação e impacto enquanto escritor. Numa ocasião, chegou a ser denunciado como um «romancista burguês» — um estranho título, já que foi a poesia que o tornou famoso. No entanto, a audiência não estava interessada no que ele era nem no que fizera na vida. Tudo o que era dito na reunião era considerado um procedimento padrão e inteiramente razoável, pois a revolução tinha de ter inimigos — sem eles, o povo sentiria uma profunda inquietação.

Quando era chamado, o meu pai levantava-se do banco, seguia por entre a multidão e ocupava o seu lugar no palco. O cabelo caía-lhe para a testa no momento em que se curvava numa profunda vénia para reconhecer os seus crimes. A audiência ficava

em silêncio durante alguns instantes antes de voltar à habitual indiferença, com as crianças a correr sem parar e os homens a contar piadas ordinárias enquanto as mulheres amamentavam os seus bebés ou trincavam sementes de girassol e coscuvilhavam.

Se a autoridade que estava no palco dissesse «Agora, vamos deixar o grande direitoista Ai Qing sair», o meu pai saía rapidamente do auditório. Nunca sabia de antemão se seria dispensado. Tudo dependia de haver ou não uma «Mais Recente Directiva» do presidente Mao para partilhar com a audiência. Se houvesse, pessoas como ele não podiam estar presentes.

Nos primeiros anos da Revolução Cultural, havia directivas do presidente Mao para transmitir quase todos os dias — ou todas as noites. O escriturário da unidade de produção anotava-as, palavra por palavra, e linha a linha, à medida que eram lidas ao telefone, antes de serem partilhadas em público nas assembleias nocturnas. Essas mensagens tinham uma função semelhante aos tuítes que Donald Trump postava durante a noite enquanto foi presidente. Representavam a comunicação directa dos pensamentos de um líder aos dedicados seguidores e reforçavam o carácter sagrado da sua autoridade. No caso chinês, estes pronunciamentos iam ainda mais longe e exigiam obediência total. Logo que eram anunciados, ouvia-se uma cacofonia de gongos e tambores para celebrar a partilha da sabedoria de Mao e os ouvintes enchiam-se de renovada energia. Aqui, e em todo o país, cenas daquela natureza eram recriadas dia após dia e só anos mais tarde a transmissão das «Mais Recentes Directivas» seria descontinuada.

Diziam-nos que a Revolução Cultural era uma «nova fase mais profunda e mais abrangente do desenvolvimento da revolução socialista», que era «uma revolução que toca as pessoas até à alma». O objectivo era «derrubar os detentores do poder que estão a seguir a via capitalista, criticar as “autoridades” académicas reaccionárias burguesas, criticar a ideologia da burguesia

e de todas as classes exploradoras e reformar a educação, a cultura e tudo o resto na superestrutura que não está em conformidade com a base económica socialista, para consolidar e desenvolver o sistema socialista». Quando eu era pequeno, a vida quotidiana estava impregnada deste tipo de linguagem empolada e, embora o seu significado fosse difícil de entender, parecia ter propriedades hipnóticas ou narcóticas. Todos estavam possuídos por ela.

O auditório também funcionava como refeitório. Todos os dias, à hora das refeições, o meu pai tinha de permanecer à porta, a bater num velho lavatório de esmalte enquanto anunciava a todos que era um direito e um criminoso. Depressa se tornou uma visão familiar e os trabalhadores passavam por ele sem qualquer hesitação e formavam uma longa fila junto da portinhola da cozinha. Ali, tinham de segurar o prato e os cupões de comida e recitar uma frase do presidente Mao antes de o cozinheiro lhes servir uma dose de comida. O cozinheiro também citava uma frase, afirmando o seu compromisso com a revolução. A nossa vida era um palco e todos representavam automaticamente os papéis que lhes tinham sido atribuídos: se o meu pai não estivesse no lugar habitual à porta poderia ser um sinal da iminência de uma desdita maior, e as pessoas ficavam ansiosas.

Nesta era de monótona rotina e penúria material, a cozinha era o centro da imaginação de todas as pessoas, embora pouco mudasse de dia para dia. Todas as manhãs, o cozinheiro misturava farinha de trigo com água quente, colocava a massa num tabuleiro com um metro quadrado e empilhava cinco tabuleiros iguais dentro de uma panela de ferro, onde coziavam ao vapor durante meia hora. Quando a tampa era retirada, a cozinha enchia-se de vapor e ele cortava o pão de milho na vertical e na horizontal, em pedaços com duzentos gramas. Para provar que era imparcial, pesava os pedaços em público. O mesmo pão de milho era servido do primeiro ao último dia do ano, excepto no dia 1 de Maio (o Dia Internacional do Trabalhador) e no dia 1 de Outubro (o Dia Nacional

da China), alturas em que o pão de milho tinha uma camada vermelha constituída por açúcar e, possivelmente, por jujubas. Era sempre um momento de algum entusiasmo quando alguém tinha a sorte de encontrar uma jujuba no seu pão de milho. A unidade de produção tinha vastas extensões de milharais, mas nunca comíamos pão feito com farinha fresca, apenas com «cereais de ajuda humanitária» que estavam armazenados só Deus sabia há quanto tempo: o pão arranhava-nos a garganta quando o engolíamos e tresandava a bolor e a gasolina.

Cada um de nós — o meu pai, Gao Jian e eu — recebia uma pensão de apenas quinze *yuan* por mês, que na época era o equivalente a pouco mais de cinco dólares. Assim, o nosso rendimento combinado era de apenas quarenta e cinco *yuan* por mês, ao passo que o salário de um trabalhador normal era de trinta e oito *yuan* e noventa e dois *fen*. O meu pai fumava uma marca barata de cigarros. Cada maço custava cinco *fen* e tinham um cheiro acre, a lâ chamuscada. Muitas vezes, os cigarros apagavam-se depois de duas ou três passas. Graças a estes cigarros, o seu casaco militar almofadado ganhou mais alguns buracos. Os fósforos eram considerados «materiais de prontidão de combate» e cada família tinha direito a uma única caixa por mês. Ficávamos muitas vezes sem fósforos e eu tinha de pedir lume aos vizinhos para acender o fogão.

Para poupar dinheiro, o meu pai começou a fumar o tabaco que era cultivado pela unidade de produção. Usávamos recibos velhos para enrolar pequenos cilindros de papel, que enchíamos com folhas de tabaco desfeitas. Todas as noites, ajudava o meu pai a enrolar cerca de vinte cigarros, que eram guardados num pote de porcelana azul e branco que conseguira escapar à destruição durante os raides da Guarda Vermelha à nossa antiga casa. A pega e a tampa eram de prata pura e na estrutura do pote estava pintada uma pequena ponte sobre um regato e um pajem com uma cítara junto de um afloramento de rochas, frondosos



salgueiros e uma casa com telhado de colmo, com a janela de madeira parcialmente aberta. O frasco iluminava até o canto mais escuro com o brilho da sua porcelana branca e azul-cobalto.

À medida que a noite caía, uma escuridão impenetrável descia sobre os campos de trigo no exterior e ouviam-se os insectos num zumbido constante. O meu pai e eu sentávamo-nos de cada lado da mesinha e o candeeiro a petróleo projectava as nossas sombras — uma grande e uma pequena — na parede atrás de nós. Muitas vezes, a minha cabeça estava tão vazia como a própria divisão, despojada de imaginação e oca de memórias, e o meu pai e eu parecíamos dois desconhecidos, sem nada para dizer um ao outro. Eu ficava apenas a olhar para a chama bruxuleante do candeeiro.

Todavia, havia momentos em que, quando eu estava quase a dormir, o meu pai começava a vasculhar as suas memórias e a recordar o passado. A pouco e pouco, eu era transportado para os lugares onde ele estivera, conhecia os homens e as mulheres que ele conhecera e compreendia um pouco melhor os seus amores e os seus casamentos. Enquanto ele falava, era como se eu não estivesse ali. As suas histórias pareciam não ter um objectivo para além de garantir que o fluxo de memórias não secava. Na Pequena Sibéria, o isolamento criou uma proximidade entre nós e a miséria material trouxe consigo um tipo diferente de abundância que moldaria os contornos da minha vida futura.